



## “O Egípto está no caminho da liberdade e da democracia”

**Mohamed Morsi**  
Presidente do Egípto

### Islamistas aplaudem Morsi

#### Voltaram os tiros à Praça Tahrir

A violência regressou ontem à Praça Tahrir do Cairo, onde milhares de pessoas participaram num protesto convocado contra a Declaração Constitucional do Presidente Mohamed Morsi, segundo a qual todos os decretos da presidência não podem ser revogados ou cancelados por “nenhum indivíduo nem nenhuma organização política ou governamental” até ser aprovado um novo texto fundamental e eleito um novo Parlamento.

A polícia de choque usou balas de borracha e gás lacrimogénico contra os manifestantes, que tinham sido convocados para assinalar o primeiro aniversário dos confrontos na rua Mohamed Mahmoud, mas acabaram por gritar palavras de ordem contra o Presidente. “Morsi é Mubarak”, ouviu-se, numa referência ao antigo ditador deposto pela revolução popular do ano passado. “Demissão, demissão”, repetiram os manifestantes. “Se o slogan da Irmandade Muçulmana é o islão é a solução, o nosso é a submissão não é a solução”, disse à AP um professor universitário que participava no protesto, identificado como Khalil.

A contestação estendeu-se a Alexandria, Suez, Ismalia e Port Said. Segundo a Al-Jazira, os confrontos em Alexandria fizeram pelo menos 25 feridos e há registo de ataques contra edifícios da Irmandade Muçulmana em cinco cidades.

Num discurso para uma multidão de apoiantes islamistas, em frente ao palácio presidencial, Mohamed Morsi insistiu que a sua revisão unilateral dos poderes presidenciais se destina a fortalecer as “decisões revolucionárias” e não é “um exercício de vingança”.

## O sermão de Morsi e os limites do seu poder

### Análise Margarida Santos Lopes

O Egípto dividiu-se entre elogios e críticas a Mohamed Morsi depois de, com um inesperado decreto, ter oferecido a si próprio poderes sem precedentes na história do país. Mas, ontem, foi a vez de o Presidente se surpreender com a dimensão dos protestos contra o “novo faraó”.

Um dia depois de ter sido aclamado como “herói” por ter mediado um cessar-fogo na Faixa de Gaza, entre Israel e o Hamas, Morsi ordenou que a Assembleia Constituinte, dominada por islamistas, não pode ser dissolvida; substituiu um juiz inimigo na Procuradoria-Geral por um amigo; reabriu as investigações sobre as “vítimas da revolução” de 25 de Janeiro de 2011, cujas famílias serão indemnizadas. Mais grave: o artigo 2 do seu decreto proclama que nenhuma decisão do chefe de Estado desde que tomou posse em 30 de Junho deste ano pode ser contestada, suspensa ou anulada.

Num comício de apoiantes mobilizados pela Irmandade Muçulmana – e não num discurso à nação como seria expectável –, Morsi tentou justificar-se, invocando Alá (Deus) frequentes vezes como se de uma pregação se tratasse. Cristãos coptas egípcios como Paul Sedra, historiador e académico na Simon Fraser University, em Toronto (Canadá), ouviram o Presidente com apreensão. “Ele tem dado muitos ‘sermões’ mas este, em particular, é perturbador”, disse ao PÚBLICO, numa entrevista por *email*. “Não me surpreende que ele tenha abusado do vocabulário religioso, embora isso coloque cada vez mais em dúvida a sua garantia de que representa todos os egípcios.”

Um dos sinais de como os coptas se sentem ameaçados foi a demissão de Samir Marcus, um dos conselheiros cristãos de Morsi, logo após o reforço dos poderes presidenciais, na quinta-feira. Sedra achou que Marcus não tinha alternativa, já que Morsi

não apenas falhou a promessa de o promover a vice-presidente, como tem vindo a marginalizar a comunidade. Um exemplo foi não ter estado presente na entronização do novo Papa copta.

Ao acompanhar pela televisão as manifestações de protesto contra Morsi, o também director da revista académica *History Compass* observou que o primeiro Presidente democraticamente eleito do Egípto “falhou na construção de uma aliança que conduza a uma transição pacífica”. Para Sedra, “não é de espantar que Morsi esteja a testar os limites do seu poder”. A acumulação de todas as competências – legislativa, judicial e executiva – faz parte do esforço “para consolidar uma forte Presidência que se mantenha nas mãos da Irmandade Muçulmana durante muito tempo”.

#### Confrontar o regime

Adel Iskandar, considerado um dos mais influentes analistas políticos egípcios e professor na Universidade de Georgetown (EUA), descodificou deste modo o “sermão” de Morsi: “Foi uma tentativa de clarificar alguns pontos no que diz respeito aos seus decretos mais recentes”, disse ao PÚBLICO, por Facebook. “Em primeiro lugar, quis mostrar que é um líder determinado a aplicar decisões seja qual for a reacção dos opositores. Também tentou desvalorizar receios, dizendo que se trata de uma medida temporária, e insistiu na necessidade de criar estabilidade.”

Iskandar duvida que as decisões sejam as melhores “porque já dividiram os egípcios”. Os que apoiam Morsi, acentuou, “são fiéis da Irmandade, na sua maioria, aqueles que aceitam as decisões do Presidente sejam quais forem”. Outros, não islamistas, colocaram-se ao seu lado, porque “apreciaram o anúncio de que figuras do anterior regime voltarão a ser julgadas e de que serão pagas indemnizações pelos mortos e feridos durante a revolução”.

### Morsi tem agora uma imunidade judicial sem limite e poder absoluto. O mundo tem de ser cuidadoso nos elogios

No entanto, frisou Adel Iskandar, os opositores do actual Presidente fizeram ontem algo que há muito não acontecia desde o derrube de Mubarak: “Ao reagirem à consolidação dos poderes de Morsi e da Irmandade, vários grupos liberais, seculares, do antigo regime e da juventude revolucionária puseram de parte as divergências e avançaram no sentido de confrontar o governo.”

Amro Ali, outro analista do Médio Oriente e respeitado *blogger* ([www.amroali.com](http://www.amroali.com)), reparou que Morsi atribuiu à estagnação da economia e ao impasse no processo da Assembleia Constituinte a “necessidade de reter todos os poderes. “Mas temos de ser sérios”, aconselhou. “Ele tem agora imunidade judicial sem limite.” Estas medidas, adiantou Ali, numa troca de mensagens por Facebook, “não estão em harmonia com as tarefas que Morsi procura desempenhar, além de que nenhuma situação justifica

medidas autoritárias – no mínimo, teria sido necessária uma consulta prévia”.

Qual é a estratégia de Morsi? “Tem sido difícil decifrá-la, porque há outros jogadores, como a Irmandade Muçulmana, o conselho militar, os aliados salafistas”, respondeu Ali, que pode ser seguido no Twitter (@amroali). “É preciso ter em conta um cenário mais abrangente. Quanto à estratégia da Irmandade Muçulmana, é o que mais frustra as pessoas, porque é um aparelho secreto e a sua linguagem é frequentemente ambígua.”

“O comportamento da Irmandade Muçulmana tem sido semelhante ao de Mubarak – mobilizando e pagando a rufias para atacarem os liberais”, reprovou Ali. “No entanto, os liberais também não estão isentos de crítica, porque é perturbador terem incendiado [ontem] três sedes do Partido da Justiça e Liberdade [ala política da confraria]. O campo liberal não pode acusar a Irmandade de violência se recorre a práticas semelhantes.”

Seja como for, “a oposição *mainstream* e secular – e até mesmo alguns dos que votaram em Morsi – revela-se muito preocupada com o facto de nada estar a ser feito para que o país se desenvolva. Gradualmente, mas também com toda a certeza, as pessoas estão a tomar consciência de que não é possível misturar religião e política. As gerações mais novas precisam de se juntar aos partidos políticos, de construir instituições da sociedade civil. Mais importante, precisam de sair do eixo urbano Cairo-Alexandria para chegar às zonas rurais de modo a construir bases de apoio. É aqui que a maior parte da alienação existe, sendo terreno fértil para os islamistas”.

Conselhos à comunidade internacional? “Tem de ser muito cuidadosa nos elogios a Morsi, porque o Egípto enfrenta uma fase de transição. O Presidente pode aproveitar-se do apoio do mundo para legitimar o seu poder absoluto – o que, para todos os efeitos, foi o que acabou de fazer.”



A decisão de Morsi levou às ruas do Egípto apoiantes e opositores